

“Economia de eremita, diz o Augusto”

Jorge Fernandes da Silveira
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO

A produção do texto como investimento cultural, um gesto de interlocução entre a leitura e a escrita, é ainda rentável quando se pretende discutir “manifestações da ideia de valor na literatura: ética e estética”; o reconhecimento da textualidade como uma economia de signos em progresso, um valor de troca entre práticas significantes, explica, em síntese, desde o título, a escolha da obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), sobretudo o último livro, póstumo, *Uma data em cada mão – Livro de horas I*, como o principal capital deste ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Eremita, Economia, Poética.

ABSTRACT

The production of text as cultural investment, including the gesture toward the conversation between reader and text, is profitable when one aims to discuss “manifestations of the idea of value in literature: ethics and aesthetics” As the title suggests, this essay pursues these ideas by understanding textuality as an economy of signs in progress, and as a value of exchange between significant practices, focusing on the work of Maria Gabriela Llansol (1931-2008), and above all on her final and posthumous book, *Uma data em cada mão – Livro de horas I*.

KEYWORDS: Hermit, Economy, Poetics.

Para Tatiana Pequeno

Os povos antigos traziam nas carroças
os nomes e os objectos; colhiam nas árvores
nomes e alguns frutos, e dos mares
e das montanhas arrastavam
múltiplos nomes do ar e dos ares;
magnânimos, trocavam ou vendiam objectos,
porém davam as palavras.

Fiama Hasse Pais Brandão, *Cenas Vivas*

Em epígrafe, Fiama Hasse Pais Brandão era originalmente a protagonista do ensaio. Por duas razões: 1) a noção de *texto epigráfico*¹, exposta em trabalhos anteriores? “Dizer adeus aos ‘Negócios Públicos’”, por exemplo²?, sobre a produção do poema como investimento cultural, um gesto de interlocução entre a leitura e a escrita de textos, é ainda rentável quando se pretende discutir “manifestações da ideia de valor na literatura: ética e estética”³; 2) a certeza de estar no *texto epigráfico* o reconhecimento da textualidade como uma economia de signos em progresso, um valor de troca entre escrita e leitura, explica o porquê de ser *Área Branca*, de 1978, a resposta ao “Inquérito” de Osvaldo Silvestre, “Qual é, em seu entender, o melhor livro de poesia do século XX? Porquê?”⁴

O título do ensaio é uma citação do último livro, póstumo, de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), *Uma data em cada mão – Livro de horas I* (2009).

Por que Llansol?

Em primeiro lugar, porque atento ao poema em epígrafe. Nele apreendo⁵ que o valor que se quer dar às palavras, endereçadas não a um ouvinte, mas ao interlocutor ideal, está na criação de uma “justa medida em torno do sentido”⁶; se entre corrigido os versos de Fiama ouço que ao falar “do ar” pode-se doar (“dar”) nomes com um sentido mais justo de troca, creio entender o que na pluralidade dos significados (“do ar e dos ares”; *arrancar*, digo, “colher”, “arrastar”) significa economia do significante em Poesia⁷.

Em segundo lugar, porque ao preparar a redação do ensaio, “magnânimo”, o Correio põe-me nas mãos o primeiro volume dos recentíssimos (outubro de 2009) “cadernos manuscritos do espólio de Maria Gabriela Llansol” (LLANSOL, 2009, p. 11), datados entre 1972-1977, escritos entre Lovaina e Jodoigne, na Bélgica.

Quem presta atenção a discursos para o melhor entendimento do *texto epigráfico* festeja o inesperado encontro textual entre Fiama e Llansol, pretexto para uma futura e já anunciada interlocução mais apurada entre as suas obras. Por ora, o registro do que numa primeira leitura, breve e apaixonada, vai ao encontro do tema do “valor em literatura”, por meio de recortes interesseiros, digo, interessados.

Pedagogicamente, pois:

30 de Abril de 1972, domingo

Alheamento da vida de trabalho de todos os dias: actividade da Escola, compras, preparação da comida. Esqueço-me de tudo isso, e só vivo conduzida pelas vozes destas páginas. De facto, é uma viagem em que posso olhar as ideias, os acontecimentos, as pessoas do passado como figuras reais⁸. Estabelece-se entre todos uma

dialéctica, juntos são uma presença que me dá um dos maiores prazeres que posso sentir. Não precisamente no momento em que leio, mas quando, deixando o livro aberto sobre os joelhos, encontro o pensamento que produzo: *não sinto por nenhum ser vivo (salvo Augusto) um interesse tão pessoal e tão apaixonado.*⁹

●

Podia escrever *A Cena Primitiva*¹⁰ em francês e em português; a ideia de monstro talvez aí pudesse estar presente; a minha língua materna é a portuguesa, portanto, escrevo em português, ou... se destruíssemos a regra, se rompêssemos a lei da similitude...¹¹

E então, em que país poderia ser publicado esse livro? Ou seria escrito para não ser publicado? Ou teria uma razão para ser recusado, ao passo que os outros, publicados numa única língua, não tinham nenhuma razão? (LLANSOL, 2009, p. 25-26)

O que interessa poupar no excerto para a fortuna crítica deste texto?

No primeiro parágrafo, o domingo é um rol de obrigações diárias, de desconforto entre a necessidade do emprego e a vontade de trabalho¹². Dar aula, fazer compras e comida produzem alienação e esquecimento. Os deveres de casa, entretanto, guardam uma reserva de bem estar, cujo valor excede os reclamos de sobrevivência arrolados. O dia do descanso é, “de facto”, contado através dessa espécie de mais-valia rica, porém, dadivosa: a produção ociosa de somar os gestos de ler e de escrever (em que se adivinha a tal página gestual da cabeça levantada, arrancada de Barthes). O trabalho é, aqui, uma fonte de renda outra, a serviço de escolhas afetivas, augustas de verdade (o marido e os livros)¹³. Postos os termos sobre a mesa, a “dialéctica” do Amor afigura-se como uma *contrariedade*¹⁴ econômica de natureza cultural entre o “tudo” e o “todos”. O tudo em que se junta, não necessariamente a menor metade entre tudo e nada, mas com toda a certeza a melhor parte de todos os discursos, incluindo os totalitários, se se considera a condução pela “viagem” a mais encarecida parte do imaginário históricossociocultural português. Ainda hoje.

Assim dispostos tudo e todos, é chegado o tempo da hipótese de e para a escrita: “Podia”. Senhora de concertadas questões¹⁵, pôr em dúvida o destino do valor da ficcionalização da História de Portugal vista através d’*Os Lusíadas* é, se não a mais importante, das mais frontais e inatacáveis *cenar fulgor* na obra de Maria Gabriela Llansol. Do segundo parágrafo transcrito, sejam grifados os sinais que a filiam à matriz camoniana de texto fundador da Nação, não como um lugar que se reconhece nos seus limites naturais (contextuais) de origem, mas sim como uma ideia nova de nação, aquela em que projeta “o passado aberto no futuro, o velho no novo, o nunca visto junto do já visto”. Ou, para repetir as palavras sempre bem-vindas de Eduardo Prado Coelho, aquela que se conhece através de um discurso, cuja eficácia insiste na dialéctica de ser o texto “um lugar onde o sentido se produz” (COELHO, 1972, p. 265). Em termos llansolianos, trata-se da noção de textualidade. Dita, aqui, em palavras de assombro: a imaginária linha tensa entre a ordem do que se diz por que se sabe comparável na/à “vida de trabalhos de todos os dias”, e a ordem do fantasma, o “monstro”, em síntese, o que se apresenta sem sinais de similitude, o que se produz com associações de ideias em *viagem sem paisagem* em busca de *linguagem*. Não é de estranhar, entretanto,

que uma viagem sem piloto e sem língua está programaticamente *in media res* no imaginário lusíada. De Homero a Dante, Drummond em vista, a pedra demora no meio do caminho. E, se hoje lhe damos nome, Adamastor, é por que em português está escrito o canto da sua descoberta. Uma *viagem* épica por *paisagem* estrangeira, onde a cena mais impressionante é um acidente de *linguagem* que, ao fim e ao cabo, dá mais uma volta, (des)dobra a *Cena Primitiva*, escrita e inscrita em português. Como em outro texto demonstro, um sentido para a viagem na Literatura Portuguesa pode (e deve) programar-se entre o roteiro clássico-moderno da escrita camoniana – Viagem → Paisagem → Linguagem – e o roteiro moderno-contemporâneo da escrita pessoana – Linguagem → Paisagem → Viagem. (SILVEIRA, 2003, p. 43)

Sábua, em trânsito para o terceiro parágrafo, Llansol localiza-se no meio, entre duas línguas de vida e de trabalho, com a consciência de que o futuro para a sua biobibliografia em língua de Camões¹⁶ há de inexoravelmente passar pelo juízo histórico de uma recepção adversa à cultura de quem, como bem expressa o fim do dia 30 de abril de 1972, questiona na ponta do lápis *uma data* [de duas ou três coisas antigas] *em cada mão*: Como ser *em* português no país do “[p]orque quem não sabe arte, não na estima” (*Lus.*, V, 98, 8)? Qual o valor da pena de amor pela escrita só comparável à causa augusta do sujeito amante, quando se sabe que, quer em português, quer em francês, o “outro” é já uma questão *heteronímica* (“irrompe em mim um personagem masculino”)?

“Um interesse tão pessoal e apaixonado”, contrário às leis do mercado, cabe inteiro numa bela página escrita em:

2 de Junho de 1972

Leitmotiv para um texto (dia em que recomecei a segunda metade da minha psi[análise].)

Amor por Lourenço de Médicis

Tem na mão o dinheiro que faz que a terra verde não precise mais de ser comprada:

tem na mão a pintura para ser feita

o livro para ser escrito

e a música para ser imaginada

tem na mão o dinheiro para que a máquina seja em homem transformada

tem na mão o dinheiro para que o amor da inculpa seja reparado

tem na mão o dinheiro para que a morte seja esperança e nada

tem na mão dinheiro

para que toda a riqueza

seja, enfim, consumada. (LLANSOL, 2009, p. 26, 27)

Página lida, consumada e consumida, vão se delineando aqueles que formam a desejada metade figural por/para Maria Gabriela Llansol: Médicis (o humanista italiano, nome dito), Pessoa (o da “Autopsicografia”, nome entredito, em “minha psi[análise]”) Eliot (o de *The waste land*, em “terra verde”, nome contradito).

Sobre todos os nomes um insiste. E toda repetição significa. Eu, pelo menos, só leio se levanto uma determinada data de repetições:

22 de Dezembro de 1974, manhã

Desejo de rever G., o monstro que escutava os ruídos ténues do papel. A meio desta frase, depois de escrita e dividindo em dois a minha ideia, A. pede-me o lápis. O sacrifício de dar-lhe o lápis, o prazer de amá-lo sem rivalidades com a escrita.

Que livros devo levar para Portugal? Os mais silenciosos. João da Cruz, um velho livro de imagens, Eckhart. E certamente um outro, de que me esqueço.

Os amigos de Ana de Peñalosa, especialmente Müntzer, disseram-lhe que ela devia principiar a escrever. Mas, subitamente, por forças das coisas, Ana de Peñalosa caíra na miséria. Pôs um retrato de um Médicis sobre a sua secretária.

E ao ver que a escrita caía sobre ela com uma tão grande pressão, ou um redemoinho, desejou voltar a ver o monstro “que escutava os ruídos ténues do papel”. Estaria o monstro no lugar habitual, ou seja, nos lugares desconhecidos da casa, agitando os longos tentáculos em coro?

Pai monstruoso era o monstro, de olhos não importa onde, plurifacetados de recordações, de predições do futuro e de espelhos abertos. (LLANSOL, 2009, p. 63, 64)

Em dezembro de 1974, já com o monstro gótico apunhalado aos pés¹⁷, Llansol e Augusto arranjam a volta para casa. A que casa retorna uma escritora *em* português quando volta para Portugal? Mesmo se mais mundo lá houvera, não dava outra: “a pequena casa Lusitana”, datada e localizada na estância 14 do Canto VII d’*Os Lusíadas*, 1572.

Entre o registro escrito, em que reitera o amor augusto, por Augusto (“o prazer de amá-lo sem rivalidades com a escrita”), e em que assinala a figura do monstro, num hipotético G. de gigante (ou G. de Gama, Grande, contraimagem da figura desfeita?), 22 de dezembro de 1974 está marcado como o dia da partida. Na bagagem (segundo parágrafo), os místicos alemães e espanhóis, “os mais silenciosos”, que formam a sua comunidade de heréticos, os que dão conformidade à sua “geografia de rebeldes”. E, num recanto escuro do apontamento, na zona reservada àqueles que vivem na “metanoite” (LLANSOL, 2009, p. 19) desejante de escrita (terceiro e quarto parágrafos), subitamente certa turbulência amorosa (Médicis é um retrato na escrivainha) dá voz e ouvido ao monstro de levar de volta para casa. Mesmo que fingidamente escondido, o livro que não se esquece é o que guarda, no último parágrafo do excursão, seres em interlocução permanente com o “Pai monstruoso”, que “caía com uma tão grande pressão, ou um redemoinho”. Seja Vasco da Gama contra o Adamastor. Seja o Poeta ele-mesmo com o Corifeu “entre a gente”, o Velho do Restelo. Seja Maria Gabriela Llansol em estado de doação plena à *linguagem*, em *paisagem* introdutória ao “encontro de confrontação” (LLANSOL, 1985, p. 105) com um dos seus rebeldes de cabeceira, Tomás Müntzer¹⁸:

14 de Maio de 1975

Mün[t]zer – a moedinha que se dá aos mendigos como esmola.

Em Mühlhausen, no lugar onde foi empalada a cabeça de Mün[t]zer _____ 18¹⁹

●
*Mas assim como a Aurora marchetada
os famosos cabelos espalhou _____
Leão Jade, Leão Jade
que felicidade nos invade.*

[...]
*“Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?”
A boca e os olhos retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:*

*“Eu sou aquele oculto e grande cabo
[...]
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
[...]
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c’um duro monte
[...]
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto dum penedo outro penedo!
[...]
Enfim, minha grandíssima estatura”
que remove os duros
Casos que Adamastor contou futuros.
(LLANSOL, 2009, p. 76-78)*

Nesta espantosa interlocução (à qual há muito dedico o melhor da minha atenção: SILVEIRA, 2008), Llansol monta a cena para a exposição do seu juízo crítico contra a política de expansão marítima portuguesa. Em sequência aparentemente contínua pela similitude (moeda dada, cabeça cortada + cabelos espalhados, manhã feliz = figura monstruosa do Amor), vislumbro a hipótese de uma leitura que, solidária, investe no que há de mais caro no literário como investimento seguro na transformação de bens de consumo em “[o] favor com que mais se acende o engenho” (*Lus.*, X, 145, 5) da “economia de eremita”²⁰. Uma espécie de jogo ambicioso com e contra os poderes da ambivalência, em que, no exemplo transcrito, a mesma raiz do nome próprio e do substantivo comum é a um só tempo o valor equivalente que se empresta a uma vivência miserável (“esmola”) e trágica (“cabeça empalada”) e o valor distinto que se reivindica à figura da cabeça levantada (“Aurora marchetada”) como expressão da experiência radical da “felicidade”: a de ler e de escrever alheada e esquecida, suspensa, da vida quotidiana, conforme o apontamento do domingo, 30 de abril

de 1972, já comentado²¹. E na colagem em ascensão desse acontecimento sublime mistura-se Camões épico com o lírico. Este, o dos dedos róseos e homéricos da aurora, presentes na lírica de amor (“Aquele triste e leda madrugada”), inspirada, entre outros, em Leão Hebreu; aquele, o da noite de trevas em que o Adamastor “invade” o invasor, cai sobre o Gama, “agitando os longos tentáculos em coro”. A extraordinária cena escrita do encontro entre o Capitão e o Monstro (que depois será revisitada em uma formidável “cena fulgor audível”: LLANSOL, 1988, p. 62)²², aqui, num apontamento de leitura em *Diário*, formal e expressivamente, transforma-se por meio de cortes (linhas de suspensão, sinais gráficos e de pontuação) e recortes (a fragmentação dos versos das oitavas 49 a 60 do Canto V d’*Os Lusíadas*) numa nova versão de *A Cena Primitiva*, em que se assiste à produção do texto que canta a pujança da interlocução entre adversários na formação do imaginário mítico, histórico e literário (em) português. Se não rompe a barreira da língua, a Llansol interlocutora d’*Os Lusíadas* imagina o poema na fronteira de uma mesma Europa sua contemporânea, embora ela lhe fosse distante e estranha nos termos da Proposição épica: o destino português de passar “ainda além da Taprobana” (*Lus.*, I, 1, 4).

Na volta para casa com Augusto (desertor da Guerra Colonial, dizia o antigo regime), assentadas as relações conflitantes e conflituosas com o trabalho²³, a sua renda²⁴ e o seu rendimento²⁵, Llansol leva na bagagem o seu bem mais precioso: o começo de um novo livro, a vontade de, ficcionalmente, mediar distâncias históricas, o desejo de pôr em crônicas à sua maneira, através da experiência da escrita com figuras, os anos de vivência numa Europa, a Bélgica, em que, no tempo em que Portugal cantava a glória de ser grande fora de casa, figuras revolucionárias, como Tomás Müntzer, na Alemanha, participavam das guerras camponesas e religiosas pregadas pela Reforma luterana e calvinista, que transformaram política e geograficamente a Europa além dos Pirineus. Figura emblemática em toda a textualidade llansoliana, Müntzer, porém, é aqui identificado como o piloto e o língua na *viagem* a contrapelo, em sentido contrário, que ela, Llansol, empreende à cantada por Camões²⁶. Ou *Comuns, o Pobre*, imagem que parece cunhada na miserável tença de quinze mil réis dada em troca “[d]e amor dos pátrios feitos valerosos”. (*Lus.*, I, 9, 7). Quiçá uma prova dos *duros casos* que Adamastor contou futuros ao seu Vê Gama.

Como já disse, seja a história do exílio cantada ou contada em português ou em francês, quem, como Llansol, volta, traz consigo um outro ser, não propriamente uma pessoa, mas sim um modo *heteronímico* de estar na linguagem.

E é desse jeito desassossegado que escreve a impressão do Portugal revisitado:

28 de Março de 1976, domingo

De manhã na cama

(...)

*Adormeço. Foi uma enorme desolação, em Portugal. Talvez nem sequer houvesse um país, era um estado, um lugar insignificante. Vejo-me nessa cinzentez, talvez deitada, lembro-me de que não tenho amores, que o meu tio desapareceu, que outro homem que amei, e de quem já não me lembro, também desapareceu. Não tenho trabalho, nem profissão, nem um lugar para viver. Estou talvez no limbo, na casa desinteressante dos meus pais, criança e adulta, ou seja, grotesca. (...)” (LLANSOL, 2009, p. 133).

Ou seja: está certa talvez de estar, à imagem e semelhança da figura do monstro, numa economia capitalista, falida e dependente.

Num longo parágrafo do fim de *Uma data em cada mão*, Llansol questiona, literalmente, *em português*, o sentido de um trabalho vocacionado para este tipo de renda, dita de eremita:

9 de Fevereiro de 1977, quarta-feira

(...)

À noite assisti, na televisão, a um debate sobre o desemprego, que me apareceu como uma encruzilhada de todos os problemas. Porque é que trabalhar é uma realidade incontestável? Porque é que só uma parte da actividade das pessoas é remunerada? Porque é que há uma hierarquia adentro do trabalho? Porque é que se exagerou de tal modo a função da máquina? Porque é que há uma tão grande diferença de receitas de indivíduo para indivíduo? Porque é que o trabalho, na maior parte dos casos, só ocupa o tempo e garante o ganho, em vez de ser uma forma de expressão, ou uma participação directa na vida comum? (LLANSOL, 2009, p. 221)

Numa palavra, sem mais necessárias explicações, para a própria economia deste ensaio que, ao longo destas já demasiadas páginas, nada mais fez do que buscar sentido inteligente para essas perguntas. Na verdade, desde o começo, o texto procura ir ao encontro do “adversário/escutador”, digo, do “legente” llansoliano, o sujeito que assiste à produção da escrita, logo, aquele que é um efeito *epigráfico* de criação de e na leitura.

Em resumo: aponte-i-o logo à saída, na epígrafe de Fiama, onde está a imagem da palavra como um bem arcaico, memorável, o mais inalienável na troca entre sujeitos que amam a linguagem, os humanistas entre os humanos²⁷. Em seguida, na verdade antes dele, o texto epigrafado, o título do ensaio chama a atenção para o seu objeto principal: o sentido de “economia de eremita”, segundo o Augusto.

Ao pôr o(s) sentido(s) em circulação, nas linhas entrecruzadas de um *Diário*, em que o apontamento mais valioso é o de que “o económico vai ser fator de muitas mutações singulares”, Llansol chega, como que(m) em versos, à formulação da sua desejada metamorfose do trabalho pela cultura das mãos:

Cultivar em comum, mas longe.

Economia de eremita. (LLANSOL, 2009, p. 217)

Dístico que, não por acaso, reflete o estilo económico das palavras pelos dias em discurso: não propriamente um manifesto em oposição à duplicação contraditória pela metáfora (afinal um bem “antigo” de linguagem), mas sim contrário à acumulação excessiva pelo sensorio, que não leva em conta a associação de ideias sobre indistintas sensações e o que nelas permanece de sensualmente sensível em meio às diferentes qualidades das coisas.

“Longe”, “solitário”, entre a gente, o (“Velho”) eremita conta em menos. Como diz Fiama Hasse Pais Brandão, porém, em “O texto de Joan Zorro”²⁸ (se bem a interpreta quem com ela começa e acaba o ensaio), a educação dos sentidos do eremita pela pedra devolve a Llansol o sentido de “economia de eremita”, na verdade, uma

POÉTICA DO EREMITA

No deserto estão secas as pedras que
no mar
se molhavam. A semelhança confunde
o eremita que solitário de mais passou
o tempo entregando-o à isolada memória.
Aqui, a pedra seca, para o eremita,
não perdeu a qualidade húmida
de poder ter estado ao pé do mar.
(BRANDÃO, 2006, p. 534)

NOTAS

1. Cf., por exemplo, o meu *Lápide & versão*, o texto epigráfico de Fiama Hasse Pais Brandão (2006).
2. Comunicação apresentada no Congresso da ABRAPLIP, na USP, em 2007.
3. Do convite dos organizadores deste volume para o envio de artigos.
4. Publicada em “Inquerito OLAM: Jorge Fernandes da Silveira”. Disponível em: <http://olamtagv.wordpress.com/2008/11/13/inquerito-olam-jorge-fernandes-da-silveira/>
5. Verbo que aprendo no poema “Os trabalhos e os dias”, de Jorge de Sena.
6. No apontamento do *Diário* sobre “*A palavra*”, leio o que transformo em guia para o ensaio: “O discurso que é só expressivo não cria interlocutores, cria ouvintes. O discurso para a eficácia cria adversários, adversários/escutadores. É o discurso mais equilibrado, é o que seria capaz de uma justa medida em torno do sentido.” (LLANSOL, 2009, p. 29)
7. Cf. Baudrillard. *Pour une critique de l'économie politique du signe* (1972).
8. Cito longa e necessária passagem de João Barrento, em livro, igualmente recentíssimo (outubro de 2009), que chega no mesmo Correio: “Figuras, diz-se aí [“Génese e significado das figuras”, *Um falcão no punho*, 1985], são “nós construtivos do texto”, “módulos, contornos, delineamentos” abertos a todo o Ser, também aos “existentes-não-reais”; a figura é a um tempo “núcleo cintilante” da cena fulgor e sustentáculo estrutural do texto, que não “avança por desenvolvimentos temáticos, nem por enredo”, mas segue o fio que liga as diferentes cenas fulgor”, todas elas com uma “identidade normal”. A figura, ou este “vórtice” da cena fulgor, está disponível para se “adensar” por acção do leitor em devir de legente, porque “a figura nunca é um inerte, mas um princípio activo” (em busca de “outras fontes de saber, da origem de palavra, de associações não conformes”). (...) Vejamos um pouco mais de perto o que diz o *Tratado da Reforma do Entendimento* de Spinoza sobre isto: Para além da *Ética*, este *Tratado* parece conter (na primeira parte, até ao § 46) tudo o que é necessário para compreender o processo de formação da figura em Maria Gabriela Llansol, que é, em última análise, o de uma *aprendizagem da vontade de pujança* (o *conatus*, o sexo de ler, etc.) ou do *acesso à pujança pela metamorfose*, que possibilita o nascimento da figura. Aí se expõe o *método* para se chegar a esta reforma do entendimento (que aqui é uma faculdade inata e prática), ou seja, às regras necessárias para que a figura possa compreender: a) as suas próprias forças; b) a ordem da natureza. E diz-se também quais são os *instrumentos* desse método (penso que serão: o próprio *conatus* e a intuição ou “raciocínio correcto”, faculdade de razão prática que me permite aceder à “ideia adequada”, a uma “certeza”); e mostra-me também os *caminhos* para se chegar lá (a “meditação interior”, aliás perturbada pelos preconceitos, diz Spinoza, na linha de Francis Bacon e da sua doutrina dos *ídola*; Spinoza parece, de facto, situar-se aqui entre Bacon e os Românticos alemães - Novalis -, com a sua filosofia da Ideia e do “caminho para dentro”). (BARRENTO, 2009, p. 121-122 e 127).
9. Nota dos Organizadores: “Tradução de textos em francês, frequentes apenas nos primeiros Cadernos; nestes casos, os textos em francês no original vão assinalados, no princípio de no fim, com um asterisco (*...*)”

10. **14 de Fevereiro de 1972**

A cena primitiva

A vida eterna não existe.

Sentou-se arranjando as saias, para assistir à produção do
[texto].

Este texto é um texto que assiste à produção do texto.

Este texto é a cena primitiva do texto.

A mulher não existe, mas escrita por _____

Deus não existe, é apenas de quem se fala e escreve. Mas
João da Cruz escreve... Deus não existe. Mas é escrito por S. João da
Cruz.

Há no meu espírito uma parte de obscuridade e uma parte de luz; na obscuridade guardo, esquecido, o que soube até que surja o momento de lembrar-me, e que pode nunca mais chegar, ou chegar para projectar o passado aberto no futuro, o velho no novo, o nunca visto junto do já visto. (LLANSOL, 2009, p. 23-24)

11. “A criação ideológica não existe em nós, mas entre nós.” (BAKHTIN, 2003, p. 65).

12. Segundo informação dos Organizadores, na Introdução, “As horas de Llansol”: “(...) trabalho nas escolas fundadas por Llansol e Augusto Joaquim em Lovaina (a Escola da Rua de Namur, entre 1971 e 1974) e Louvain-la-Neuve (“La Maison”, integrada na cooperativa de produção e ensino Ferme Jacob/Quinta de Jacob, entre 1975 e 1979)” (LLANSOL, 2009, p. 12).

13. “Em resumo, comprei este caderno para poder efectuar uma síntese e observar o círculo montante que conduz à velhice, tal como a concebo: a imensa reflexão sobre o passado, a paz dos contrastes, a concentração no presente em que o futuro (imaginável), já está a fazer-se para sempre.” (LLANSOL, 2009, p. 60).

14. Refiro-me, é claro, ao poema de Cesário, “Contrariedades”, um clássico nas questões éticas e estéticas do trabalho.

15. “Penso muitas vezes: ‘E se Vasco da Gama não tivesse voltado...’” (LLANSOL, 1985, p. 37)

16. Biobibliografia, em que a condição feminina é ao longo dos dias escritos um ponto de honra em defesa da ética de inclusão da diferença, contrária à falsa moral do equilíbrio pela igualdade. A atenção a este ponto é, aliás, fundamental para o sentido (já agora antecipado) de “economia de eremita”, título do ensaio: “Neste momento, na Quinta de Jacob, o mais importante é dominar os fantasmas do futuro. Eu sou uma mulher de transição, embora esta expressão soe mal, pois cria-se que só os homens são de transição. Diz-se sempre um homem de transição, mas em face da História irrompe em mim um personagem masculino; penso, sou veículo de pensamento; acabaram-se as transformações de tipo social, os grandes movimentos colectivos, o económico vai ser fator de curiosas mutações singulares. Economia de eremita, diz o Augusto.” (LLANSOL, 2009, p. 217).

17. Apropriação do verso de Luiza Neto Jorge, no poema “Baixo-relevo”: “E sem o monstro gótico apunhalado aos pés” (JORGE, 1993, p. 37). Sobre o 25 de Abril de 1974, o dia em que “[n]ós matamos o cão tihoso” (Luís Bernardo Honwana, 1964), lê-se: “Os livros que me interessam são aqueles em que alguém conta, em que há uma evocação. Depois do 25 de Abril há como que um obstáculo removido a uma evocação. (...)” (LLANSOL, 2009, p. 51).

18. “Müntzer (Tomás), fundador da seita dos anabaptistas, nascido em Stölberg, morto decapitado em Mühlhausen, na Turíngia, depois da batalha de Frankenhäusen (1490-1525), aos trinta e cinco anos (...)”. (LLANSOL, 1977, p. 41).

19. “As duas anotações sobre Thomas Müntzer provêm do livro de Ernst Bloch, *Tomas Münzer. Théologien de la révolution*, Paris, Julliard, 1964, p. 104. A primeira anotação faz um jogo com a raiz comum do nome Mün[t]zer e do substantivo comum Münze (= moeda)”.

20. “24 de Abril de 1974

Não tenho dinheiro para comprar a saia de cor crua que desejava, e transformo o meu desejo em escrita e espaço cénico sobre a mesa do café (o “Brasseur”). Vejo-me rodeada de folhas de papel que anunciam música, mobilidade e noite, não obscura; flutuo num ritmo de Nietzsche, livros, o meu braço nu assente sobre a página, moreno e cheio, por envelhecer. Por escrever está o nosso futuro; à minha frente, o Augusto atinge com o olhar o nosso encontro, vê o que é.

(...)

Quando não há dinheiro, apetece-me, apesar de tudo, *dépenser* [gastar]. O quê? E como?” (LLANSOL, 2009, p. 49)

21. Ou este:

“Escolho criar.

Gostaria de escrever a elegia dos trabalhos domésticos, dos trabalhos da casa de Jodoigne.” (LLANSOL, 2009, p. 207).

22. Audível e repetida na boa poesia que se escreve hoje em português. Por exemplo, Gastão Cruz (“Quem és tu? Terei visto alguma tarde/ entre nuvens mortais o teu mudado/ rosto nublado?”, 2009, p. 91) e Luis Maffei (“Eu lhe diria: quem és tu?/ que estas armas me têm maravilhado de/ estupendas”: 2006, p. 86)

23. “Crise. Quero partir da Escola. Perda de dinheiro e de liberdade (os salários não são pagos). Começo a escrever (com que prazer) histórias para mim e para as crianças: *‘para ganhar a vida, meninos, vamos fazer pequenos livros de histórias.’*” (LLANSOL, 2009, p. 64).

24. “*Na Ferme Jacob é preciso criar ou partir _____*” (LLANSOL, 2009, p. 207)

25. “O que mais desejo é uma grande economia de palavras.” (LLANSOL, 2009, p. 199)

26. “Interrompo aqui o texto porque desliza para a metáfora. Queria desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável.” (LLANSOL, 1985, p. 32)

27. Sobre o trabalho humanista em literatura, diz Edward W. Said: “O intelectual é talvez um tipo de contramemória, com seu próprio contradiscurso que não permitirá que a consciência desvie o olhar ou caia no sono.” (SAID, 2007, p. 172)

28. “(...) O movimento da escrita e da leitura/ exerce-se a partir da menor mutabilidade aparente da pedra/ e da maior mutabilidade da grafia. O progresso dos textos/ é epigráfico. Lápide e versão, indistintamente.” (BRANDÃO, 2006, p. 173).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Ética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRENTO, João (Org). *O que é uma figura?* Diálogos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Lisboa: Mariposa Azual, 2009.
- BAUDRILLARD, J. *Pour une critique de l'économie politique du signe*. Paris: Gallimard, 1972.
- BRANDÃO, Fíama Hasse Pais. *Obra breve*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- COELHO, Eduardo Prado. *A palavra sobre a palavra*. Porto: Portucalense, 1972.
- CRUZ, Gastão. *A moeda do tempo e outros poemas*. SILVEIRA, Jorge Fernandes da (Org). Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- JORGE, Luiza Neto. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades – Geografia de rebeldes I*. Porto: Afrontamento, 1977.
- _____. *Um falcão no punho – Diário I*. Lisboa: Rolim, 1985.
- _____. *Contos do mal errante – O litoral do mundo II*. Lisboa: Rolim, 1986.
- _____. *Da sebe ao ser – O litoral do mundo III*. Lisboa: Rolim, 1988.
- _____. *Uma data em cada mão – O livro de horas I (Lovaina e Jodoigne, 1972-1977)*. BARRENTO, J. e SANTOS, Maria Etelvina (Org). Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- MAFFEI, Luis. *A*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2006.
- SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Trad: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Verso com verso*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- _____. *Lápide & versão – O texto epigráfico de Fíama Hasse Pais Brandão (ensaios seguidos de Memorial da pedra: antologia poética)*. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2006.
- _____. *O Tejo é um rio controverso – António José Saraiva contra Luís Vaz de Camões*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

(Recebido para publicação em 09/11/2009,
Aprovado em 08/02/2010)